7ª EDIÇÃO - 2º PERÍODO 2021-2022

ASSOCIAÇÃO DE ESTUDANTES

JORNAL CRSI

“DEUS CONFIA-TE O MUNDO. AMA-O! PROTEGE-O! TRANSFORMA-O!”

EDITORIAL

MARTA NINA 12.ºANO

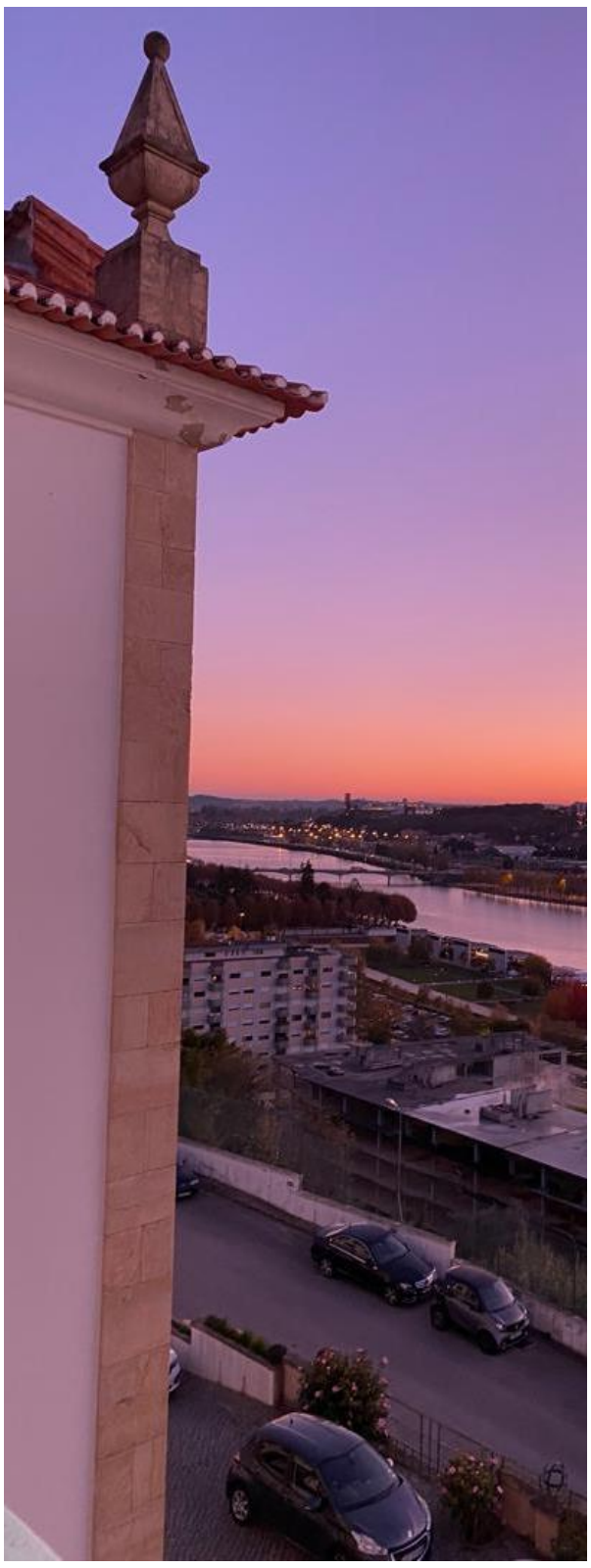
Estou quase a terminar o 12º ano; restam-me dois meses dele. Dois meses em que digo adeus a esta casa que fez de mim quem sou e a estas pessoas que me viram crescer. E dou por mim a pensar: mas afinal, o que levo daqui? Será que posso dizer que levo uma capacidade transformadora do mundo dentro de mim?

Numa primeira análise, eu diria que não. Isto é apenas o princípio! Ainda tenho tantos passos gigantes para dar, tanto para aprender! Como posso achar que sou, de facto, capaz de mudar o mundo? Mas, logo de seguida, ocorre-me outro pensamento: o que é esta capacidade transformadora do mundo que tão rapidamente descartei como fora do meu alcance?

Se calhar, mudar o mundo não se faz apenas da maneira mais óbvia. Não se trata só de encontrar a cura para uma doença rara ou de ser para sempre recordado nas pistas das palavras cruzadas. Muitas vezes, esquecemo-nos de que transformamos o mundo quando nos atrevemos a sonhar. A capacidade transformadora do mundo é feita de sonho, de idealismo, do querer mais e do ver mais além. Quando, contra todas as hipóteses, perseguimos um ideal invisível para todos à exceção de nós mesmos, conquistamos grandes coisas e, quem sabe, mudamos o mundo. E sonhos? Esses não me faltam! Sinto que “tenho em mim todos os sonhos do mundo”, mas, mais importante do que isso, tenho em mim a vontade de os realizar a todos, de não deixar um sequer para trás, de os proteger a todo o custo. E esta vontade de sonhar foi-me ensinada no Colégio, onde Professores, Funcionários e Amigos me disseram que havia um mundo para além deste e que nada nele estava fora do meu alcance, pelo que me deram as ferramentas para o conquistar.

Em segundo lugar, percebi também que mudamos o mundo quando, apesar dos horrores que nos rodeiam, escolhemos realizar pequenos atos de bondade. Com a guerra que hoje dizima um país, deixando um rasto de destruição e vidas interrompidas, torna-se quase impossível não chegar à conclusão de que a maldade humana não conhece limites. Ainda assim, não consigo deixar de acreditar na perseverança da bondade. Se a procurarmos à nossa volta, vamos encontrá-la em todo o lado, pelo que concluo que o que é verdadeiramente humano e revolucionário é isto mesmo, esta necessidade de acomodar o outro e de facilitar, ainda que apenas por um bocadinho, os seus dias...e então acabei assim por encontrar mais uma maneira através da qual transformo o mundo. Apercebi-me ainda de que mudar o mundo pode-se tratar apenas de mudar algo do *nosso* mundo, por mais pequeno e cosmicamente irrelevante que este seja. Não temos que começar em grande! Quando impactamos a nossa família, o nosso grupo de amigos, fazemos a diferença. No meu caso, este ano, pude realizar um dos meus maiores sonhos: construir, com os meus melhores amigos, uma Associação de Estudantes. Tem sido um caminho trabalhoso e nem sempre fácil, mas tão gratificante! Através do nosso esforço, temos deixado a nossa marca e, espero eu, transformado um bocadinho deste mundo que, apesar de pequeno, é o nosso, e aquele por onde queremos começar neste caminho de transformadores do mundo em que embarcamos.

Então, se concluí que reúno estas três características definidoras de alguém capaz de mudar o mundo, como posso duvidar de que tenho esta capacidade? Ela existe dentro de mim, levo-a comigo para todo o lado e aprendi-a aqui mesmo! Agora que a descobri, nunca mais a vou perder de vista.



Peregrinação a Taizé 2022

Ver página 2

Peregrinação a Taizé 2022 (Testemunhos)

CATARINA ESCULCAS, 12.º ANO

Para ser honesta, é-me difícil explicar a experiência de Tz assim, em simples palavras, que o leitor vai ler, talvez apreciar, quem sabe, e tentar perceber a comunidade, o que se vive lá, sem nunca, de facto, ter sentido na própria pele. A verdade é que nem eu consigo exatamente entender o que se sente, pois acredito que nunca nenhum de nós se tinha sentido da mesma maneira antes de ter lá estado. Não há modo de comparar e é mesmo isso que torna Tz Tz. Porém, o meu trabalho neste artigo é tentar aproximar o leitor da comunidade francesa e, por isso mesmo, na infinitude de emoções que nos tocam, arranjei uma que acredito que engloba este universo: harmonia. Harmonia comigo mesma, com os outros, com Deus. Talvez seja por isso que esta tarefa se torna tão complicada, pois harmonia não é algo que sintamos na sua plenitude na nossa vida rotineira. É uma novidade, mas uma novidade tão boa que até se faz sentir surreal. Lembro-me de estar a falar com os meus amigos e de estarmos a comentar o quão irreal tudo parecia e, no fundo, o quão em paz estávamos, o quão felizes, mesmo felizes, nos encontrávamos. É um intervalo do que nos perturba, da ansiedade, dos testes, da pressão. Tudo se vai embora e ficamos apenas nós, como pessoas, próprias, e Deus. Tz é mais do que um lugar, é mais do que uma comunidade cristã, é a alegria da vida, mas da vida a sério, a conversar, a sentir, a pensar, a rir e a chorar, é o sossego com e em Deus, é os desabafos de tudo o que precisa de sair, é, no fundo, a liberdade de espírito. É uma pessoa sair às 7 da manhã dum quarto pequenino onde dormem 6 pessoas para caminhar embrulhada no casaco até à oração e sentir-se encantada e realizada com tudo. É ansiar pelo pequeno-almoço. É querer ir para a oração da noite e ficar lá, até mesmo depois de ter acabado, a rezar. É agora o que deixa saudades, saudades de uma semana de amor, de sossego, mas deixa também aprendizagens e memórias.

É isto que é Tz.

DIOGO ARCANJO, 12.º ANO

Desde que frequento o Colégio, sempre ouvi falar maravilhas de Taizé. Por isso, tendo chegada a minha primeira oportunidade de ir, as expectativas estavam bastante elevadas. E mesmo assim foram excedidas!

Posso dizer que Taizé mudou a minha vida; mudou a minha forma de pensar, a minha forma de agir e a minha forma de me relacionar com os outros.

Uma das inúmeras coisas que me fascinaram neste retiro foi o facto de sentir que havia tempo para tudo. Tinha tempo para refletir, para partilhar, para cantar, para conversar e até para jogar umas "peladinhas". E, em todas estas atividades, dei tudo o que tinha, porque sabia que quanto mais me envolvesse, mais profícua seria a experiência.

Em Taizé, tive também a oportunidade de conhecer novas pessoas e contactar com outras culturas. Deparei-me com maneiras diferentes de ver Deus e o mundo, o que me fez crescer ainda mais. Conheci pessoas boas, pessoas que ficaram para a vida e tornaram esta viagem ainda mais especial e marcante. No fundo, aprendi que tudo é melhor se for partilhado e que quanto mais próximo estiver dos outros, mais próximo estarei de Deus.

Posso dizer que fui genuinamente feliz em Taizé. Durante uma semana, fui feliz como nunca e isso é o que mais importa. Tenho a certeza de que o Diogo que veio da viagem é muito diferente do Diogo que foi para lá, mas acredito convictamente que o novo "eu" é um bocadinho melhor!

Guerra na Ucrânia

QUANDO O PASSADO E O PRESENTE CONVERGEM – TERESA MARTINHO, 11.ºANO

A 25 de setembro de 2001, Vladimir Putin discursava no Bundestag (parlamento alemão), tendo declarado a paz no continente europeu como um objetivo primordial para a nação russa, bem como os direitos e liberdades democráticas como prioritários. Este rasgo de esperança era meramente ilusório, quimérico. Da anexação da Crimeia pela Rússia, em 2014, ao reconhecimento da independência da República Popular de Donetsk e da República Popular de Lugansk, regiões separatistas, à invasão da Ucrânia, a 24 de fevereiro de 2022, têm sido postas em causa condições *sine qua non* da preservação dos direitos humanos. Assim, esta guerra constitui, indubitavelmente, um ponto de viragem crítico na história mundial. O subterfúgio de Putin? A unidade histórica e cultural que considera existir entre a Rússia e a Ucrânia e que refere num artigo publicado a 12 de julho de 2021. O verdadeiro motivo? Ressentimento irredentista. Efetivamente, a ideologia imperialista russa, com raízes no período de Ivan, *o Terrível*, o primeiro czar, manteve-se até aos dias de hoje. O receio de Putin não é apenas o avanço da NATO e os cenários de guerra desfavoráveis que daí decorrem, mas a democratização de territórios adjacentes à Rússia. Conforme refere a historiadora Anne Applebaum, "para Putin, a grande ameaça é uma Ucrânia democrática." De facto, esta seria uma ameaça à pretensão de criar uma cleptocracia autocrática, semelhante ao antigo império soviético. Putin tenta corrigir o colapso da URSS, em 1991, que decerto considera uma injustiça histórica, assumindo uma atitude *jusqu'au boutiste* para atingir o seu objetivo e impugnando, de forma inadmissível e intolerável, os valores da paz mundial e o direito natural. Trata-se do regresso dos nacionalismos exacerbados que estiveram na origem da Primeira e da Segunda Guerra Mundial.

As consequências? Inflação e subida das taxas de juro, uma crise humanitária, com mais de 4 milhões de refugiados e possíveis crimes de guerra denunciados pela Human Rights Watch. Tendo em vista levar o leitor a refletir acerca das incontáveis pessoas que abandonam o seu país devido à guerra, cito Vassilli Grossman, autor de *Vida e Destino*: "Não há nada mais difícil do que dizer adeus a uma casa onde se sofreu." Nas últimas semanas, verificaram-se bombardeamentos indiscriminados, atrocidades inconcebíveis e inenarráveis, bem como o regresso da ameaça nuclear. Todavia, ao contrário das suas expectativas, Putin enfrentou a tenacidade e a pertinácia inflexível e inexorável do povo ucraniano, liderado pelo seu presidente Volodymyr Zelensky, que se tornou, incontestavelmente, num símbolo da defesa da justiça, da liberdade e da paz. Paralelamente, a NATO e a UE unificaram-se e mobilizaram-se na condenação da Rússia e na imposição de dispendiosas sanções à sua economia e observaram-se inúmeras manifestações contra a guerra por todo o globo. A guerra na Ucrânia expôs, ainda, as fragilidades do projeto europeu, nomeadamente, a sua dependência energética, sendo um argumento para a Europa acelerar a descarbonização e apostar em energias renováveis, respondendo à crise climática.

Com efeito, a invasão russa tem implicações que ultrapassam largamente as fronteiras da Ucrânia. Estamos perante uma ação injustificável, por parte de uma potência militar que tem na sua posse armas de destruição maciça e liderada por um déspota que não olha a meios para atingir o objetivo que há muito delineou. Esta crise revelou as fragilidades e a perecibilidade da atual ordem mundial liberal. Hodiernamente, a violência e os interesses político-económicos estão a sobrepor-se aos direitos humanos, repetindo-se os conflitos do passado. "O que a história nos ensina é que os governos e as pessoas nunca aprendem com a história." (Georg Wilhelm Friedrich Hegel) Esta não é apenas a guerra da Ucrânia, é a nossa guerra. Portanto, há que despertar o espírito de 1989 nesta luta constante entre a ditadura e a liberdade.

ORAÇÃO DO TERÇO – CAROLINA PERQUILHAS, 12.ºANO

Toda a comunidade do CRSI se encontra solidária e em comunhão com o povo ucraniano, pelo que, no dia 4 de março, realizámos, no recreio do Colégio, a oração do terço pela paz na Ucrânia. Esta iniciativa é uma benção e traduz-se numa oportunidade de mostrarmos ao mundo a importância de lutarmos pela paz, virando-nos para Deus. A oração foi feita a uma só voz, num só coração e numa só alma. Cada um dos presentes levou consigo, durante esta oração, uma vela, para iluminar a escuridão em que o mundo está envolto e representar a união de todos perante esta causa tão nobre.

Recordo-me do ambiente calmo, da iluminação, da música, da palavra "paz" representada no chão através de panos e, principalmente, de tudo aquilo que foi dito. Foi um momento muito especial, pois mesmo com todos os afazeres que ocupam os nossos dias, naqueles trinta minutos juntou-se um grande grupo de pessoas apenas com o propósito de estar lá para o Outro, colocando de lado todas as suas preocupações e estando ali, ali numa grande roda sem pensar em mais nada para além daqueles que mais precisam.

Assim, concluo facilmente que, com a Luz de Deus, tudo se torna mais fácil e que, com Ele, temos, na nossa posse, todas as forças necessárias para enfrentar as adversidades do mundo.

Recomendações Culturais

DIOGO PEIXINHO, 11.ºANO

FILME - *O CURIOSO CASO DE BENJAMIN BUTTON*

Este filme, dirigido por David Fincher, que já realizou alguns êxitos como é o caso de Os Sete Pecados Mortais, estreou em Portugal no dia 15 janeiro de 2009, contou com treze nomeações para os Óscares de 2009, tendo arrecadado apenas os prémios respeitantes aos melhores efeitos visuais, a melhor direção de arte e melhor maquilhagem e penteados. Esta longa metragem, que é classificada como um drama e um romance, conta com a presença de Brad Pitt e Cate Blanchett, que desempenham os papéis das personagens principais Benjamin Button e Daisy, respetivamente.

A história inicia-se num dia em que está prevista uma enorme tempestade, com uma cena em que Daisy se encontra no seu leito de morte, no hospital, e a sua filha, Caroline, pretende despedir-se dela antes desta falecer. De seguida, a personagem mais velha começa a contar uma história de um relojoeiro que perdeu o seu filho na 1.ª Guerra Mundial e que, por este motivo, decide construir um relógio para uma estação de comboios inaugurada em 1918, em que os seus ponteiros giram no sentido inverso ao normal. Após este momento, pede a Caroline para lhe ler um diário que está no interior da mochila, que contém os pertences da sua mãe. Este conta a história de um rapaz, que nasceu em Nova Orleães, no dia em que a 1.ª Guerra Mundial terminou. Inclusivamente, diz-nos que esta criança é muito peculiar, pois embora seja um recém-nascido, tem aparência de velho e doenças características de um idoso. A mãe deste rapaz faleceu durante o parto, e o pai, quando se confronta com o aspeto envelhecido do seu descendente recém-nascido, abandona-o à sua sorte, à porta de um lar de idosos. Para sua sorte, vem a ser posteriormente adotado pela responsável do mesmo estabelecimento. Este é o início do filme, a partir do qual se desenvolve numa história fascinante e imperdível.

Assim sendo, recomendo a todos que visualizem esta obra de arte, porque nos cativa do início até ao fim e conta com belíssimas atuações, tanto de Brad Pitt, como de Cate Blanchett. É um filme pesado, porque toca em temas complicados como a morte e o envelhecimento e deixa-nos a pensar se tudo o que vivemos não estará predestinado. Se nós de facto conseguimos controlar alguma coisa da nossa vida e se o livre arbítrio existe. Também nos deixa a meditar sobre o facto de que nada dura para sempre, e que apesar de todos termos limitações temos de saber aceitá-las e lidar da melhor maneira com elas. Nesta longa metragem, encontramos imagens e momentos que nos ficam para sempre, por ser uma história muito intensa e tocante, e que é ponto de partida para variadas reflexões.

ÁLBUM – *ABBEY ROAD*

No dia 26 de setembro de 1969, os Beatles lançaram o seu 12.º álbum de estúdio, composto por 17 músicas, e com uma duração de 47 minutos e 29 segundos. Embora *Let It Be* tenha estreado no ano seguinte, constituindo, deste modo, o último trabalho da banda, é o albúm *Abbey Road* que contém os últimos trabalhos da banda, pois aquele foi criado antes deste, apesar de terem sido lançados pela ordem inversa. É um disco no qual percebemos, pela primeira vez, que George Harrison é um grande compositor e é, também, um dos melhores trabalhos da banda de Liverpool. Tem uma capa muito conhecida, em que os quatro músicos que constituem a banda, John Lennon (guitarra), Paul McCartney (baixo), George Harrison (guitarra) e Ringo Strarr (bateria), se encontram a atravessar a rua Abbey Road, que simultaneamente dá nome à obra e é o local onde esta foi gravada.

Os conflitos entre os quatro músicos foram uma constante durante o processo criativo, pois, por exemplo, John queria que o álbum fosse composto por músicas soltas, contudo, Paul McCartney queria que este seguisse um tema, tal como o oitavo trabalho deles, *Sgt. Pepper's Lonely Hearts Club Band*. No final, *Abbey Road* acabou por ser uma mistura destas duas ideias, já que a primeira metade é mais à maneira do guitarrista, e a segunda mais ao estilo do baixista.

Acima de tudo, recomendo a audição deste disco da banda de Liverpool pela sua inegável grandeza e riqueza, uma vez que nele encontramos músicas que, apesar do passar dos anos, nunca serão esquecidas, como é o caso dos dois grandes trabalhos de George, *Here comes the Sun* e *Something*, e também a música *Oh! Darling*, compostas por McCartney, e *Come Together*, com um som tocado pelo baixo inesquecível, escrita por John Lennon. *I Want You(She's So Heavy*) é uma música muito longa, pois tem quase oito minutos, mas tem um estilo diferente, e inovador para os Beatles, portanto acaba por se tornar interessante. *Polythene Pan* soa aos trabalhos iniciais da banda, antes de terem deixado de dar concertos. *The end* remete para o desfecho de tudo, em que os Beatles acabam por se separar. *Octupu's Garden* é a única música cantada pelo baterista, Ringo, e embora não seja das melhores, mantém, como em todas as músicas, o nível alto que está omnipresente neste disco.

Assim sendo, esta é uma obra icónica, e é também um dos melhores trabalhos dos Beatles, que deixaram influência em praticamente todos os géneros musicais, e foram fundamentais para o desenvolvimento de outros estilos da música dentro e fora do rock.

“O que me motiva” (COM ILUSTRAÇÃO DE DANIELA SANTOS)

MAFALDA VIANA, 7.ºANO

A motivação é espontânea, isso é uma das suas grandes particularidades. Nunca é formada por uma falsa esperança, ou uma felicidade artificial, ou por uma obrigação. É simplesmente fruto de algo que põe a pessoa, em resumo, com vontade de avançar. Para mim, como aspirante a artista (não interessa que tipo de arte, gosto de todos), o que me motiva realmente é a leitura de um bom livro, a visualização de um filme fantástico ou a audição de uma música bonita, entre outros. Dá-me logo vontade de criar e imaginar projetos novos, de escrever e desenhar, de tirar aquela via de criatividade da mente para, ao menos, conseguir dormir à noite: coisa que não é lá muito fácil quando o nosso cérebro nos dá uma via de motivação; por exemplo, quando não há papel e caneta à mão, ou quando essa inspiração nos acorda de madrugada, ou quando estamos mesmo a jeito para nos esquecermos das coisas que podíamos fazer com essa inspiração porque estamos no sítio mais aborrecido do mundo que nos está a fazer tão aborrecidos quanto o mesmo. Enfim, é difícil, mas é preciso ficar preparada quando vou ver algum tipo de arte que me interessa. Bloco de notas, caneta, telemóvel com música e já está!

No entanto, para além de arte, há outras situações que me podem motivar não só a mim, mas a outras pessoas. Por exemplo, a motivação para os estudos é maioritariamente originada por elogios ou apreciações de alguma atitude que tomamos, ou algo que fazemos; ou, normalmente, recebermos a nota de uma avaliação e sermos congratulados pelo trabalho organizado para chegar à mesma. Dá ainda mais vontade de estudar, de trabalhar mais para fazer ainda melhor, quase nos faz ter motivação para sermos alunos exemplares e perfeitos. Elogios são uma ótima influência na motivação de uma pessoa, assim como outros exemplos. Talvez use o contrário da situação anterior: quando recebemos uma nota abaixo das expectativas, um colega, parente ou professor encoraja-nos, dizendo frases como “Sei que consegues fazer melhor para a próxima”, ou então “Para a próxima corre melhor, tens capacidades para tal”, entre outras. Este tipo de esperança é algo que me motiva também a mim, porque já dá à pessoa vontade de mudar, de realmente usar as capacidades de que o outro indivíduo fala. Simplesmente, dá vontade de arregaçar as mangas e trabalhar ainda mais para dar luz a um melhor resultado, seja em que situação for. Nem tem de ser só em termos escolares.

Devo assinalar que não devemos apenas fabricar a nossa própria motivação, mas também a do próximo. A invalidação do outro é demasiado comum nos dias de hoje – nunca sabemos se afetamos realmente a pessoa em termos emocionais por causa de determinado comentário feito à mesma, nem nunca poderemos ter a certeza disso, quer se sim, quer se não. A motivação deve ser espalhada de pessoa em pessoa, para aumentar a felicidade, a esperança e, em certos termos, a genica daqueles à nossa volta. Falo de toda a gente mesmo – agradeço que me façam o mesmo a mim, porque bloqueios de criatividade não são rosas, não. Só se tiverem espinhos.

EDUARDA BERNARDO, 12.ºANO

“Às vezes tenho ideias felizes,/ Ideias subitamente felizes, em ideias/ E nas palavras em que naturalmente se despegam.../ Depois de escrever, leio.../ Por que escrevi isto?/ Onde fui buscar isto?/ De onde me veio isto? Isto é melhor do que eu.../ Seremos nós neste mundo apenas canetas com tinta/ Com que alguém escreve a valer o que nós aqui traçamos?...”. Assim se questionou Álvaro de Campos, assim me questiono eu.

O que me inspira? De onde provém toda a motivação que sinto? Surgirá ela de forma espontânea e divina ou será encontrada e cultivada por cada um de nós? De facto, acredito que existem diversas fontes de inspiração: observar pessoas a atingir grandes feitos, ler frases motivacionais, contemplar elementos da natureza... Após alguma reflexão e introspeção, fui capaz de decifrar aquilo que me move no meu dia-a-dia.

Com efeito, penso que uma das coisas que mais me inspira é a arte, nas suas inúmeras vertentes. São artes como a música, a dança e a literatura as responsáveis por promover o desenvolvimento da minha faceta mais criativa. Dessa forma, a música acompanha-me sempre, conferindo ritmo e melodia às minhas atividades diárias. A dança transporta-me para ambientes novos e permite-me entrar em contacto com as minhas emoções. Por último, a literatura é aquela que me permite conhecer diferentes realidades, despertando o meu espírito crítico e reflexivo.

Por outro lado, algo que considero essencial para alimentar a minha motivação é o facto de ter objetivos estabelecidos e perspetivas para o futuro. Desse modo, ao enfrentar alguma adversidade, recordo-me do percurso que configurei para mim e daquilo que pretendo atingir. Assim, é essa visão do plano maior que me confere força e determinação para trabalhar no sentido de alcançar as metas a que me propus.

Finalmente, acima de tudo isto, encontram-se as pessoas. Desde pessoas com as quais interajo no meu quotidiano a pessoas que ficaram conhecidas por grandes conquistas, todas elas me inspiram. Dessa forma, acompanho a jornada de vários homens e mulheres que tenho como modelos, retirando exemplos daquilo que ambiciono para a minha vida e da forma como pretendo ter um impacto no mundo. Consequentemente, são incutidos em mim valores e princípios que orientam não só a maneira como me relaciono com os outros, mas também o modo como me manifesto face às numerosas realidades a que sou exposta.

Em suma, considero que a inspiração e a motivação são condições do ser humano que o movem além do expectável, sendo cruciais para atingir o sucesso. No entanto, é necessário fomentá-las, procurando elementos que as viabilizem e as tornem parte do nosso dia-a-dia

Crónica: A Democracia

JOÃO RABAÇA, 12.ºANO

Quando a população francesa saiu às ruas a 14 de julho de 1789, dando origem ao evento histórico que viria a ser conhecido como a Tomada da Bastilha, certamente estava longe de pensar o tremendo impacto que esse acontecimento iria ter na história do mundo e que perdura até hoje. Se, no século XVIII, eram poucos os países que se pode dizer que realmente viviam em democracia, atualmente, a maioria da população vive num país que respeita os seus direitos democráticos, provando o enorme progresso a que se assistiu na sociedade nos últimos séculos e que foi defendido pelo lema da Revolução Francesa, "Liberdade, Igualdade, Fraternidade". Contudo, ainda são muitas as pessoas que vivem num regime ditatorial e cujos direitos não devem ser esquecidos nem ignorados. Só na China, país mais populoso do mundo, mais de mil e quatrocentos mil milhões de habitantes ainda não veem certos direitos básicos respeitados, nomeadamente a liberdade de expressão e de imprensa.

Muitas vezes tomamos como garantida a democracia em que hoje vivemos, muitos de nós talvez por nunca termos vivido de outra forma e outros por já se terem despedido da ditadura há muito tempo, tanto que por vezes já não passa de uma memória vaga e longínqua. Em Portugal, vivemos numa democracia há 48 anos e, se isto parece já muito tempo, a verdade é que basta falarmos com os nossos avós para eles nos contarem as suas histórias desse tempo e ver como relembrar o 25 de abril ainda desperta em muitos um brilho nos olhos. Memórias como estas dificilmente são esquecidas, e é a partir delas que devemos construir o nosso futuro, utilizando-as como ensinamentos aos mais novos e futuros cidadãos do mundo.

A democracia não é uma forma perfeita de governo, mas, como dizia Winston Churchill, continua a ser a melhor das que conhecemos e já tentámos. No entanto, para esta resultar, é essencial que a taxa de abstenção diminua e que mais pessoas exerçam o seu direito de voto. A educação política é um fator importante a que se deve dar maior destaque nas escolas, dado vir habitualmente de mãos dadas com um maior interesse dos jovens por estas áreas, incentivando-os a expressar as suas convicções políticas e dar uso à liberdade de expressão que vem com a democracia. Numa altura em que as redes sociais têm tanta relevância na nossa sociedade, é cada vez mais fácil estarmos em contacto com diferentes tipos de opiniões e alargarmos os nossos horizontes, mesmo que, por vezes, estas venham com ameaças à democracia, como a falsa informação. Por isso devemos apoiar-nos nestas ferramentas para nos informarmos e educarmos de forma consciente acerca de assuntos relevantes à nossa sociedade.

Por fim, devemos ter sempre em memória que o que para muitos de nós foi algo adquirido à nossa nascença, para outros foi fruto de um enorme esforço e para outros ainda é apenas um sonho. Este desejo de uma vida melhor, na qual predomine a "Liberdade, Igualdade, Fraternidade" não deve ser adiado, continuando sempre a defender os nossos direitos e os daqueles que infelizmente não os podem defender.

"Falar Bem nas Costas" – 14 de fevereiro

FRANCISCO SOARES, 12.ºANO

O dia 14 de fevereiro é, por excelência, o dia da celebração do Amor. Esta efeméride, comummente conhecida como "Dia de S. Valentim", um santo cuja história inspira vidas pautadas pela bondade e pela generosidade, convida-nos a lembrarmos, no nosso coração, todos aqueles de quem gostamos. Assim, para além do amor passional a que muitas vezes é associado, este dia celebra o Amor em absoluto e em todas as suas facetas — o amor fraterno, a amizade, o amor incondicional…

Imbuídos deste espírito, os membros da Associação de Estudantes dinamizaram um projeto a que foi dado o nome de "Falar Bem nas Costas". De facto, para falarmos bem uns dos outros, não precisamos de grandes palcos ou de uma plateia cheia. Às vezes podemos fazê-lo de forma discreta e natural, contrariando a natureza humana e vil, promulgada pela expressão "falar mal nas costas". Até dia 11 de fevereiro, os alunos do primeiro ao décimo segundo ano foram, pois, convidados a escrever cartas de carinho e amizade aos seus amigos, as quais podiam ser assinadas ou escritas sob anonimato tendo sido posteriormente depositadas numa urna de recolha ou submetidas através de um formulário online. Durante a manhã do dia de S. Valentim, membros da AE distribuíram pelas salas as centenas de mensagens que haviam sido escritas. A alegria e o entusiasmo rapidamente se instalaram nos corredores do Colégio. Foi uma manhã iluminada pelo Amor e aquecida pelas cartas que este projeto reuniu. Foi uma manhã de generosidade e de felicidade partilhada. Foi, sem sombra de dúvidas, um projeto de sucesso que nos recordou que a bondade é inerente ao ser humano.

Este projeto fez-nos perceber que juntos somos mais felizes e que, partilhando o Amor que sentimos uns pelos outros, podemos construir um futuro mais bonito!

O Que Sobra da Lição da Pandemia

MANUEL GÓIS, 12.ºANO

Dois anos! Dois anos... de uma "guerra inesperada", ou prevista apenas por algumas mentes brilhantes, mas que não conseguiram tempo de antena no meio de futebol e novelas, de políticas a pensar só no imediato. Dois anos... após a primeira visita de um vizinho improvável e (quase) impercetível que parece ter decidido ficar. Dois anos... depois deste, supostamente ser inanimado, estar vivo o suficiente para continuar a condicionar e a impor uma forma de viver diferente daquela a que estávamos habituados.

O que a pandemia mais me ensinou foi a pensar... a importância de pensar na medida certa, no tempo certo. Ponderar as minhas decisões e, para tal, aprofundar opiniões, desenvolver conhecimentos sobre os mais variados temas, de forma a ser mais rica a nossa influência nos outros. A pandemia fez a nossa vida nos últimos anos e nós, os mais jovens, vivemos uma parte importante das nossas vidas em pandemia.

Iniciámos este percurso com um pensamento muito tipicamente sentido pelos portugueses – "é longe, portanto não nos interessa". E de facto estava longe, até nos atingir a nós e a todas as geografias. Alcançou os ricos, os pobres, os ministros e os camionistas. Atravessou fronteiras e oceanos. Afastou uns e aproximou outros. Mas sobretudo não escolheu lados, nem pessoas, afetou e afeta todos numa democracia da doença, mas nem sempre com uma democracia na saúde.

O que se sucedeu foi como acender um fósforo: surgiram as mais variadas campanhas de solidariedade - em Portugal e na Europa - para com os que tinham pouco e que com a pandemia ficaram com menos ainda. Pudemos perceber que, mesmo quando estamos todos numa situação idêntica, uns partem muito à frente dos outros. Até nas vacinas o equilíbrio das soluções não chegou ainda a todos. Falta a empatia pelos que estão mais longe e a solidariedade entre países e povos está ainda longe. Por isso, era tão necessário equilibrar a balança. "Era", porque tal como num fósforo a chama tem o seu fim... Hoje, pelo menos aqui, a pandemia parece pertencer ao passado e outras guerras estão já a chegar.

Efetivamente, após uma crise global com efeitos muito intensos nas mais variadas dimensões da atividade humana, da economia, à política, da educação à cultura, o mundo parece querer voltar ao antigo *status quo*, aos hábitos antigos e à sua/nossa zona de conforto habitual. Ainda assim, foram muitas as lições que aprendemos ao longo destes dois anos, ligadas, por exemplo, ao papel da ciência e do conhecimento. A meu ver, estes ensinamentos não devem ficar impunes. Pelo contrário, penso que devemos usá-los de modo a reestruturar e fazer avançar este nosso "pequeno mundo", imaginar e pôr em prática uma outra forma de viver mais consciente e sustentável, mais solidária e menos centrada no nosso mundo apenas e, por essa via, estar melhor preparados para vencer este, como muitos outros vírus e obstáculos que se avizinham. Ao longe já se escutam as bombas de uma guerra. Sabemos hoje que o longe é já aqui ao lado e que, se nada fizermos, estamos apenas à distância de um fósforo.

Oração de Páscoa

CATARINA MIRANDA ESCULCAS, 12.º ANO

Meu Deus,

Nesta Páscoa, agradeço-Te o amor com que vivemos todos os dias e a paz que nos dás, que nos motiva a continuar o nosso caminho com fé e confiança. Esta época é um tempo de renovação, de vitória da morte e, por isso, ajuda-Nos a vencer os nossos medos e a confiar totalmente em Ti.

Peço-Te que continues a ser o nosso grande apoio e ilumines este tempo de família, de união, em que somos relembrados do quão bom é sermos Teus filhos. Que protejas os que mais precisam, em especial, as famílias que fogem da guerra.

Amén

Receita de Páscoa: Pão de Ló

INGREDIENTES

- 12 gemas + 1 gema
- 6 claras em castelo
- 250g de açúcar
- 100g de farinha

PREPARAÇÃO

1. Bater bem as 12 gemas com o açúcar, até a mistura ficar esbranquiçada, durante cerca de 10 minutos.
2. Misturar as claras em castelo, alternando com a farinha.
3. No fim, misturar a última gema.
4. Levar ao forno a 180ºC numa forma muito bem untada, durante 30 minutos.

Entrevista: Maria Melo e Faro e Francisco Viana

***HOSTS* DO *PODCAST* DA ASSOCIAÇÃO DE ESTUDANTES, GENIAL(MENTE)**

Para o jornal deste período, decidimos entrevistar a Maria Melo e Faro e o Francisco Viana, os incríveis *hosts* do *Podcast* da nossa Associação de Estudantes, Genial(mente). Fizemos-lhes uma série de perguntas sobre como tem sido liderar um projeto inovador como este e que tem sido tão bem recebido pela nossa Comunidade Educativa.

Os episódios têm uma frequência quinzenal e, em cada um, os nossos *hosts* convidam membros da Comunidade do Colégio, como professores, ex-alunos e alunos atuais a contar e a dar a conhecer melhor as suas histórias, qualidades e experiência de vida. O Genial(mente) está disponível em várias plataformas, como o *Spotify*, a *Apple Podcasts* e o *Anchor*.

1. Como surgiu a ideia para um *podcast* da AE CRSI?

Durante as reuniões de núcleo, estivemos sempre a tentar arranjar iniciativas que aproximassem a comunidade escolar e que conseguissem entreter os alunos e, possivelmente, dar a conhecer ex-alunos e os nossos professores. Como gostamos muito os dois de *podcasts* e sempre fomos bons amigos, decidimos então começar este projeto.

2. Porquê o nome "Genial(mente)"?

O tema da nossa lista era "Aladino" e sendo o Génio um dos elementos principais, achámos que seria engraçado brincar um bocadinho com isso.

3. Como tem sido levar a cabo este projeto?

Tem sido incrível em todos os aspetos. Em primeiro lugar, devido ao convívio com toda a comunidade educativa que sentimos ao gravar cada episódio e que queremos passar para os nossos ouvintes. Depois, não podemos deixar de mencionar o facto de cada episódio ser tão engraçado tanto de gravar como de preparar. Achamos que foi um projeto inovador e que permitiu dar a conhecer um pouco mais de todas as pessoas que encontramos todos os dias no Colégio.

Este projeto está a ser, sem dúvida alguma, uma experiência muito marcante, que nos tem enriquecido e até ajudado a crescer. O *podcast* tem-nos confirmado a proximidade única do nosso Colégio entre professores e alunos.

4. Como é o processo de organização para a produção de um novo episódio?

Os episódios surgem de forma muito espontânea. Primeiro, decidimos quem gostávamos que fosse e convidamos essas pessoas. Depois, escolhemos uma ou duas perguntas e, como desde o início definimos alguns jogos e desafios, adaptamos estes aos convidados. Depois gravamos em casa da Maria, por norma, na quinta-feira à noite, tudo seguido sem cortes e está pronto a publicar na sexta-feira.

5. Qual foi a história mais engraçada que ouviram até agora?

Foi sem dúvida todo o *podcast* com o departamento de Português (Professoras Laura Melo e Faro, Júlia Cristina Figueiredo e Dilar Trancas). Marcámos gravar depois de jantar com o objetivo de ser uma coisa rápida e não podíamos ter estado mais enganados. Não tivemos em conta o facto de as três professoras se darem muito bem e se conhecerem há muitos anos. Em vez de 40 minutos de *podcast* estivemos a gravar quase 2,5h de muito riso e histórias caricatas. Foi o único que teve de ser sujeito a edição para não ficar tão longo, e mesmo assim teve quase uma hora. Mas é uma hora que vale a pena e que vai fazer rir muitas pessoas.

6. Qual o facto mais improvável que ficaram a conhecer sobre um dos entrevistados?

Foi sem dúvida o facto de o Professor Afonso Athayde ter estado na seleção de bridge e de o Professor Mário Graça ter feito parte do staff do Mundial 2014 no Brasil. De facto, ao longo dos episódios, temos vindo a descobrir muitas coisas sobre os nossos convidados e de muitas delas não estávamos mesmo à espera. Tem sido uma experiência mesmo surpreendente.

7. Que planos têm para o resto do ano? Podem dar-nos alguma pista?

Dizemos apenas que prometemos episódios maravilhosos, que de certeza não vão querer perder. Queremos levar mais um bocadinho de toda a comunidade, por isso, podem esperar episódios com não docentes, ex-alunos, professores e irmãs. Podemos garantir que o último episódio será com convidados que não vão mesmo estar à espera.

Crónica - A Frase em Que Só os Professores Acreditam

MANUEL DELILLE, 12.ºANO

Andava no quarto ano quando ouvi, pela primeira vez, alguém dizer que "Não se estuda na véspera". Foi a minha professora que o disse, em jeito de conselho sábio e de aviso até, no dia anterior ao teste de Estudo do Meio. O melhor que tínhamos a fazer nesse dia, quando chegássemos a casa, não era ir estudar e rever os diferentes tipos de plantas, ou algo do género, mas sim ir fazer outra coisa qualquer.

Cheguei a casa à tarde e, depois do lanche, quando estava na hora de ir estudar, contei a novidade aos meus pais. Disse-lhes que a professora nos tinha dito que não devíamos e que era mau para o nosso desempenho no teste estudar na véspera. Para fazer a vontade à professora tinha que ir, evidentemente, contra a minha vontade, brincar. Se me recordo com exatidão, penso que bastou um olhar dos meus pais para eu estar sentado à secretária a estudar a fotossíntese.

Como aluno do 12.º ano, posso dizer que desde aí não deixei de ouvir esta máxima a ser dita regularmente nas vésperas dos testes. Eu esperava que a crescente dificuldade das avaliações e a quantidade de matéria cada vez maior que é preciso saber, a fariam cair por terra, mas não foi isso que se verificou. Contra todos os factos, há professores que acreditam piamente nesta frase tão tentadora para os alunos.

De facto, é-lhes dito que, na véspera de um teste, devem descansar a cabeça. Ir fazer exercício, ver um pouco de televisão, ler talvez e, lá pelo meio, esquecer tudo o que decoraram nos últimos dias.

Efetivamente, a véspera de um teste é um dia de estudo imprescindível para todos alunos, tanto para os bons quanto para os menos bons. Os bons alunos precisam desse dia para que o vinte no teste seja garantido, ou seja, para saber a matéria toda até ao mais ínfimo pormenor. Os alunos menos bons precisam dele para compensar os dias anteriores de procrastinação. Porque é na véspera dos testes que já é impossível procrastinar e a única opção é mesmo estudar o que for possível. É neste momento em que acabam os "depois vejo isto amanhã", porque "amanhã" é o dia do teste. Assim, é impossível para qualquer aluno não fazer nada na véspera do teste, porque, para a maioria, este é muitas vezes o único dia em que fazem alguma coisa.

Por muito bom que pareça, não estudar na véspera do teste não é uma boa opção, há melhores alturas para descansar a cabeça e não fazer nada, por exemplo, no dia a seguir, depois de já estar feito.

Inspiring Future

CAMILA ALVES, 12.ºANO

No dia 21 de março, os alunos do 12º ano tiveram a oportunidade de estar mais conectados com o seu futuro académico, uma vez que o Colégio recebeu o *Inspiring Future*, que consiste numa associação juvenil sem fins lucrativos com o objetivo de desenvolver iniciativas na área da educação.

Em primeiro lugar, os alunos compareceram a uma palestra sobre os exames nacionais, pré-requisitos necessários para alguns cursos específicos, preferência regional e sobre a candidatura ao ensino superior, que, sem dúvida, clarificou muitas das dúvidas que os estudantes possuíam. De seguida, os jovens estiveram em contacto com diversas faculdades (públicas e privadas) do país, que se deslocaram até ao nosso Colégio, e que também responderam às dúvidas que os estudantes possuíam, quer acerca do curso que pretendiam seguir, quer acerca da faculdade. Posteriormente, tiveram a possibilidade de participar em palestras sobre as grandes áreas de interesse (ciência e engenharias, ciências sociais e humanas, saúde e desporto, gestão e economia e artes) e/ou no workshop "como sobreviver de salto alto e gravata?"

Para concluir, este dia foi muito importante para os alunos uma vez que possibilitou o esclarecimento de múltiplas dúvidas e, simultaneamente, fez com que estes tomassem consciência do quão perto se encontra o ensino superior.

(H)Ora com Jesus 10.ºAno

PROFESSORA LAURA MELO E FARO

Pela primeira vez ao fim de dois anos, a (H)Ora com Jesus voltou à nossa Capela. Em tempo de Quaresma, Alunos, Famílias, Professores e Irmãs, na semana em que cuidámos dos ENCONTROS, vivemos juntos uma hora de encontro com Jesus, para reafirmarmos a nossa Fé, num momento difícil para toda a Humanidade. Juntos, rezámos. Pedimos que, no meio da nossa escuridão, possa sempre brilhar a luz da Esperança, da Fé e do Amor. Pedimos que a Luz de Cristo ilumine os nossos corações e ajude a transformar o mundo...